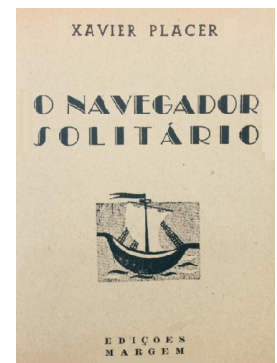


TÁBUA



<i>Era um poeta</i>	Pássaro
<i>A hora da criação</i>	Praiana
Mar	Colegial
Os dias	Pintura
Romanesco	Castelos
Limbo	Do amor
Prisma	Janelas
Sozinho	Elizabeth
Álcool	O seixo
Noite	Apocalipse
Aquelas rosas	O inconquistado
O bosque iluminado	Surdina
Menino	Emaús

ED MARGEM - 1956



Escrito de 1952-54, este livro de poemas em prosa - O NAVEGADOR SOLITÁRIO - composto sob a direção de Nuno Vieira e de Mário Gonçalves, acabou-se de imprimir em outubro de 1956, nas Oficinas da Editora e Gráfica Guarany Ltda. à Av Henrique Valadares, 145, no Rio de Janeiro, Distrito Federal - Brasil.

ERA um poeta - um apaixonado da Beleza.

Sua aparência o denunciava. Alto, mãos brancas e longas, tímido de gestos e silencioso: um ar sonhador e sempre ausente. Não estando condenado à feia luta terra-a-terra - filho de burgueses vitoriosos em várias gerações - foi passando pelos cursos normalmente, um dia viu-se feito doutor.

Mas o melhor de seus dias era dado à Arte.

Amava ficar em casa estirado na poltrona de sua biblioteca, lendo autores prediletos em cuidadas edições. Na extrema juventude, sensível às exterioridades, encantou-se pelos românticos, com eles se exaltou no culto barroco da palavra; depois alegrou-se com a límpida água dos clássicos; nada disto era ele. E logo, num encontro de si mesmo, descobriu as figuras dolorosas de Baudelaire, Rimbaud, Antero, Rilke, Pessoa, a família toda dos solitários.

Amava também, e sobretudo, ficar à toa sonhando acordado muitas horas. Um nada bastava. Dentro da noite, como era grato olhar o claro-escuro que o ramo móvel do chorão do jardim, atravessando a vidraça, rendava na parede... e partia em viagens fantásticas, a ilhas fabulosas, a eldorados - seu clima.

A ação o horrorizava como uma perda de substância, um desgaste inglório. Seus movimentos eram todos no sentido de se fecundar espiritualmente, de engrandecimento do ser. Tinha decisões assim: num dia de verão madrugava e saía sozinho para um ponto alto da cidade, para assistir ao nascimento do Sol. Mergulhava num êxtase de ideias e sentimentos. E quando de todo o Sol se erguia iluminando as pedras e os homens, ele recolhia à casa preservando contra a realidade, a realidade de seu sonho.

Havia o Amor. E ele, pelo privilégio de classe, estaria fadado a colher aí maravilhosamente as rosas simbólicas. Mas para tal deveria ser outro. Depois de uma ligação sentimental que ao findar não teve dele um gesto para durar mais, no amor limitava-se a aventuras vulgares. O que fazia com certa inquietação, como se estivesse sendo infiel a si mesmo. Não era só repugnância: os beijos venais deixavam-lhe amarga tristeza.

Muitas mulheres cirandavam à sua volta; era excelente partido. Mas o sonhador distraído transformava-as em amigas que se iam substituindo, durando umas menos, outras mais, nenhuma vincando uma saudade maior, levadas todas pelo mesmo vento que as trouxera... Para as mais afoitas permanecia um "mistério". Isto divertia-o: algumas vez diante de uma prova de ternura retribuía com uma confiança à amiga gentil: "Não nasci para o amor. Não me sinto indigno dele, sinto-me incapaz. O amor a uma mulher, a

vida em comum com ela, pelo casamento ou não, me obrigaria a abdicar de tanta coisa que me é caro... Jamais farei esta abdicação. De resto devo reconhecer, já passou a minha hora..."

Assim falava, e assim pensava sinceramente à véspera dos quarenta anos - ah, os quarenta anos, um fim de vida!

E foi então que o amor se revelou a ele.

Bela? Excepcional? No esplendor dos vinte e dois anos, era uma promessa de felicidade - e parecia nascida para durar sempre. Que perpétua alegria! Que transparência! A viva paixão por tudo o que engrandece ardia dentro daquele inocente animal de seleção e expandia-se em ondas que ela própria ignorava.

Foi breve o noivado. D. adorava o fausto; apaixonado ele a levou ao altar esplendente em seu vestido branco. Ele próprio sentia-se alguns anos mais moço, a realidade tinha novas faces, dimensões e coloridos novos. Era outro homem. Como num sonho partiram para o estrangeiro. Viram cidades e monumentos, museus e ruínas famosas (ele era o *cicerone* exaltado); saturaram-se de pitoresco e exotismo; hospedaram-se sobre avenidas vertiginosas e plácidos caminhos entre montanhas - lugares todos onde os mais pequenos desejos inspiravam atenções grandes, e viver era uma arte.

Voltaram. O apartamento, de arquitetura funcional, em tonalidades claras, era o ambiente natural para aquela mulher. Ela mesmo se empenhara na decoração. A primeira providência foi eliminar o mobiliário inútil, idealizando peças que desenhou, e cuja feitura obedeceu à sua orientação. Tinha gosto; nada escapou ao seu interesse apaixonado: o tecido das cortinas, a distribuição da luz, a harmonia das linhas. Telas que ele guardava enroladas e onde se liam as dedicatórias do artista, foram emolduradas e valorizaram a muda verticalidade das paredes.

O apartamento descerrava as janelas para o mar. Quando sobrevinha temporal arremessavam-se contra a areia vagalhões ameaçadores; mas era calmo, verde enseada de espuma, onde uma brisa salina soprava... D. gostava de trazer os convidados para o terraço e ficavam ali, numa sociedade restrita mas assídua, bebendo, ouvindo discos, fumando.

Nem sempre recebiam. Alguns dias eram reservados a passeios, um concerto, uma visita. Na estação, retiravam-se para uma cidade de serra. D. detestava casa de campo, preferia hotel; com antecedência, havia que reservar acomodações. E era uma azáfama, porque a veranista elegante precisava renovar todo o guarda-roupa.

A princípio envolvido nas seduições dessa nova existência, tão diferente dos dias sóbrios de antigamente, ele julgou que sua fortuna seria suficiente para manter aquele padrão de vida. Tinha uma avultada renda imobiliária. Exatamente nem colocou a questão. Vivia e deixava-se viver ao lado daquela

jovem mulher, que recebia ou tomava o luxo como um direito, sem lhe prestar atenção - acaso se podia viver de outro modo?

Mas de volta da cidade, um dia no qual a "nota" da Kanitz foi muito maior do que esperava, teve uma violenta revelação. Levou dias pensativo. Era preciso inventar uma nova fonte de renda! Aguardou a Bolsa favorável, negociou certo número de títulos, associou-se a um parente, ativo e conhecedor, num empreendimento extrativo de cristal de rocha.

E com espanto, reconheceu-se capaz daquela coisa que lhe parecera a mais difícil para um homem: *ser prático*. Isto é, capaz de ganhar dinheiro. Era tudo questão de dispor-se... sujar um pouco as mãos e nunca mais abrir um livro.

As transações do cristal tinham a vantagem de não lhe tomar tempo e prosperar. Tudo seguia conforme os cálculos: a inversão do capital compensava plenamente.

Mas precisava ganhar ainda mais!

Um encontro de café com velho colega de Faculdade, advogado de renome no cível, decidiu o novo rumo. E ele que até havia esquecido de que era bacharel! Estava adquirindo fina perspicácia para o que convinha: ainda naquele dia comprou um anel: um rubi grande rodeado de diamantes.

E cada dia descobre na vida ativa encantos novos...

Certas tardes porém ao voltar para casa em seu carro - isso acontece quando por acaso sozinho surpreende entre as nesgas de céu, céu de chumbo da cidade grande, uns estranhos tons violetas - torna-se melancólico como alguém que em meio a uma festa fosse tocado pela lembrança inoportuna de um morto, *e tudo indica que ele não é inteiramente feliz*.

Nem somente lia ou devaneava, algumas vezes escrevia. Mas apenas quando visitado pela Musa - meu amigo acreditava em Musa. Assim, quando lhe saía das mãos, embora escasso, não trazia só a marca da autenticidade, a par do talento, mas era *to the happy few*. E, insatisfeito, meu amigo abandonava pelo caminho estes frutos, que eu recolhia. Contudo ao vê-los, os seus poemas em letra de fôrma nas páginas ilustradas dos suplementos, nas revistas, sorria, sentia uma clara alegria.

Que durava efêmera manhã de domingo. Qual uma vestal. Qual uma vestal, em sua alva indumentária, longe da multidão. Assim tomava a sério a poesia - avatar, sonho, razão de ser de sua vida naqueles dias antigos. Pois logo os esquecia. Mais: abominava-os, nunca se animando a reuni-los, "Um livro. Você sabe (me dizia) que não me move a vaidade. Publicar, para quê?"

Os poemas que aqui se leem, sob este título que (talvez) não lhe desagradaria, embora não sendo os melhores que o meu amigo escreveu, estes são os mais característicos.

A *HORA da criação é uma hora de amor.*

A alma em êxtase, sobreleva-se a si mesma, e arrebatada no arranco todas as faculdades, todas as potências. Brilha a luz nos subterrâneos, a luz explode. É a hora do Espírito.

Mas por uma hora de amor, há muitas horas de dor.

Sopra o simum, apaga-se na areia ardente o desespero do poeta. Desce a treva, emudecem as fontes, e a Musa se ausenta. Longo exílio. É a hora da Vigília.

E ei-lo a errar, entre os homens, no mundo, sob o céu sem astros e a terra inóspita, em triste estado de realidade, o Visionário!

Ora, um dia estirei-me na relva que cresce no chão do meu quarto.

Sem demora, sem ruído, abateram-se os muros e mergulhei no caos, id est, em mim mesmo.

Asas começaram a brotar da relva, intonsa e verde, relva em technicolor, e não brotavam da relva propriamente, e sim do meu peito.

Tumultuárias, tumultuárias.

Porém o maravilhoso foi quando me ergui.

Colhendo-as - não eram asas, mas flores - peguei a atirá-las pela janela. E eram meu passado, meus silêncios, a angústia do tempo e a esperança: o meu ser profundo.

E a manhã me surpreendeu prodigalizando minha riqueza fabulosa de senhor do mundo num delírio, a mancheias!

GOSTO - dizia o navegador solitário - de me fazer ao mar. Em sua intimidade ressurgem em mim o homem primitivo, deslumbrado diante das maravilhas: as estrelas, as solenes montanhas, o mar. O mar poderoso!

Gosto - dizia o navegador solitário - de me fazer ao mar. Qualquer dia, a qualquer hora, quer nasça no horizonte a manhã ou a luz se ausente, estou sempre de matalotagem pronta para o inefável partir.

Pensar que esta água que me acolhe, tão mansa e companheira, é o mesmo mar oceano que avança em baías, arrebenta contra falésias e arrecifes, se estende num ermo invencível sob o azul de outros céus... Como sou pequeno" Que aniquilamento!

E os segredos que oculta no ventre esta pele de monstro, estirada, veludosamente, em minúsculas ondas. Mar: caminho, fonte, heroísmo - túmulo. Vejo braços de naufragos que pedem, que ainda pedem socorro, na noite! Poderei ser um deles! Contudo *eu ousar!*

Há - dizia o navegador solitário - os que buscam no mar a visão que dissolve o sal e os problemas; que lava de todo o tédio a alma encardida. Eu não. Para mim o mar é motivação de graves pensamentos, de interiorização, de encontro de mim mesmo.

Sim - dizia o navegador solitário - de perigoso encontro de mim mesmo. Horas a fio, enquanto meu barco voga ao sabor das ondas, abandono-me a amargas meditações, como a um ópio. Por isso eu o busco, a esse amigo difícil, por isso eu gosto de me fazer ao mar.

II

O S D I A S

NÁUFRAGO de ti, vogas nas águas do sono...

Um galo (que não ouves) saúda o nascer do dia

(Manhã)

Com o sabor de sonhos na boca, descerras a janela, e bebes o ar da manhã, o ar da vida. Vitorioso, armas-te para uma nova refrega impelido pela volúpia de existir. Tua ardente pupila fita o Sol, com orgulho.

(Meio-dia)

E participas, fazes gestos, pensas em eletrocutar teu inimigo, pecas sete vezes em obra e pensamento, corres ao encalço da fada Morgana, lêes periódicos. Confundido no rebanho, és um zero.

O Sol, a pino, dispensa a tua própria sombra.

(Tarde)

À mesa do bar, entre outros rostos, encompridas o olhar para as mulheres que passam. Calas-te, incapaz de um gesto. O tédio escorre das fisionomias, pinga no asfalto.

"Tudo é inútil, meu caro!"

Mas os homens atribuem ao calor e ingerem refrescos.

(Noite)

E te abismas em face dos astros:

"Quem sou eu?"

O cansaço atira com teu corpo para cima do leito, e te elimina, provisoriamente, todos os problemas, todas as angústias.

III

R O M A N E S C O

COMO eram altas as muralhas! A vida ficava para além das muralhas, e era toda mistérios, a vida.

Mas impossível, de tão bela, impossível!

Vieram outros dias, lentos, tão lentos, e enfim ele pôde tocá-la de perto, dessedentar-se nela, exauri-la.

Culpa de suas mãos? Por quê? Por quê? Ela, a vida, era *aquilo*: podre matéria que se quebrava entre os dedos, tão palpável, palpável demais.

Então ele acolheu-se ali onde havia por acaso uma árvore, e a olhar sem ironia os que seguiam, deixou-se a sonhar a vida - a vida de antigamente.

IV

L I M B O

...**E** DA caixa mágica imagens nascem, banham-se na réstia de luz - um instante - e evoluem para a sombra, dando lugar a outra, e outra, e mais outra...

Uma vez, e nunca mais!

Se me desse ao trabalho de anotar? O agricultor atirou no campo (minha mente) um punhado de sementes, as douradas sementes espalharam-se ao acaso. Caiu a chuva, e eis que elas germinam com uma força! Haveria obstáculo que tolhesse o secreto labor? Amanhã será tarde. O frêmito das asas, morto. Morta a visão original. Floresta petrificada... O espírito retém o que merecer. O mais, que se perca.

Que se perca!

Horas, caravanas de horas... no deserto do Tempo. A vida. Ora, a vida. Que umas devorem as outras! Nós, bichos da terra tão pequenos, devorados na obscura luta. Para quê? Para onde?

Entregam-se as pálpebras: são duas conchas.

Poeira brilhante em suspensão na abóbada negra... Miríades de rubras fagulhas. Caos luminoso. Adormeço...

Bailando, bailando!

E dissolvem-se, e penetram-se, abalroam-se. Fogem, em sarabanda. Arabescos. Lenço - que me diz? Adeus? Adormeço, Flor?

Estalactites...estalagmites...

PRISMA

... **A** MÃO no teclado prestes a desferir a nota primeira; o violeta do céu quando agoniza o dia; o rumor das rodas e dos êmbolos na usina; a fosforescência das águas povoadas de pólipos quando as fere o remo do pescador; a vil necessidade; o punho cerrado sedento de justiça; a sombra do galho à toa roçando na vidraça; a esverdeada maciez do musgo no canal onde garatujaram merda!; a sonoridade das palavras argamassadas com a pura substância das vogais; a charrete no portão da granja esperando a família feliz; o fantástico das neves penitentes no território dos sonhos; a surpresa de um abandonado coreto no recanto de uma cidade moderna; o disponível espreguiçar do vagabundo que dormiu sob a ponte; os pés que ficaram na areia e que a água desfará; o choro do recém-nascido pela madrugada na maternidade entre palmeiras; a inquieta descoberta da puberdade; o pensamento da morte, na imaginação dos tristes, ao acordar noite alta; o nome de Deus para explicar o mistério; e mais as grandes ilusões, e mais a inútil experiência - isto tudo que passa por você, que você despreza ou ama, tudo isto olha! é a vida: essa coisa desbordante, incoerente, maravilhosa, a vida!

S O Z I N H O

A ÁGUA do repuxo cai no tanque com preguiça. As estatuetas - Primavera, Verão, Outono, Inverno - fingem sorrir nos pedestais. Um casal de namorados alheia-se a sonhar.

Só as crianças não reparam a tarde e dão gritos nervosos, atirando-se para o alto nos balanços - réque, réque! réque, réque! - sob as árvores sem pássaros. Os olhos compridos do menino aleijado espiam do carro.

A matriz trancou as portas. Os soldados do Senhor disputam almas a Satã na via pública. Chegam sérios, atacam um hino; uma guerreira de faces desbotadas promete delícias (celestes) aos castos e aos de boa vontade.

Desperta, pecador! O reino dos céus não é dos tímidos, mas dos que se fazem violência e forçam as portas. Que esperas ainda ao divino convite?

Ai de mim, meu insensato coração é um escravo, só sensível às doçuras do tempo!

O tédio - ou é o crepúsculo? - estende um manto no jardim. Só eu o pressinto? Que se passa na alma dos outros? Eis o inferno dos que não crêem. Talvez o menino do carro me pudesse avançar qualquer coisa.

Já se foi.

Sou um homem de mãos vazias na tarde cinza, na vida cinza - sozinho.

VII

ÁLCOOL

VINHA do tempo antigo. Era o seu álcool. Quando o *outro*, bolsos cheios de chumbo, teimava em se arrastar, ele o abandonava entre os autos, os pés dos transeuntes ou em qualquer logradouro, público ou não, e largava-se.

De começo, sem consciência, num rompante. O tempo entregou-lhe a chave, descobriu-a, e podia assim como um comedor de ópio que dosa antegozando as suas oito mil gotas, podia abrir a porta de qualquer eldorado.

Encontrou-se um genial engenheiro de quimeras.

Consolava? Ó ingênuo comparsa, qual o vinho que adormece? Havia a ilusão da partida. Já não era o bastante? É preciso dizer tudo?: havia depois - ah, *depois!* - a ironia do gargalhar, perversamente, do incomparável desastre, do satânico desmoronamento.

Era o seu álcool - como qualquer outro.

VIII

NOITE

É NOITE. Vaga, à distância da mão, entre nuvens, a Lua. Um roçar de asas: é a brisa que sopra, a medo. Ó noite profunda, ó doçura da solidão - murmuras sem mover os lábios, absorvido em ti mesmo.

Foi-se o teu eu cotidiano, com pudor recolheu-se para o último plano. E o outro que se calava, intimidado pela crueza da luta, emerge e expande-se.

Sentes que *este* és tu. As palavras que este diz e os gestos que faz são as palavras e os gestos teus. E te desgostas - ó náusea! - à consciência da fatalidade de ser dois.

Não condenes, nem te condenes. Um dia esta impura construção ruirá com estrondo e no incêndio que lavrará de seu próprio arcabouço, tudo se consumirá maravilhosamente.

E das cinzas há-de renascer um terceiro homem - aquele que dormindo és a imagem, aquele cujos contornos não se refletem na relatividade de espelho nenhum.

Oh, vamos crer, vamos esperar!

PALAVRAS

VOZ, vocábulo, verbo - palavras! Palavras, criaturas vivas. Vivíssimas criaturas. Como as flores, os pássaros, os homens.

Palavras - umas toscas, obscuras, escravas nascidas para os humildes ofícios, dóceis a um gesto; outras, orgulhosas, esbeltas, sugestivas - jovens alouçadas que se esquivam quando lhes acenamos e vêm quando as quiséramos distantes...Aquelas têm o ar nostálgico do adeus, do aperto de mão nas despedidas; estas, a gravidade das sentenças - palavras dos lábios de Ariel, aladas palavras, e pragas de Calibã, com pés de chumbo. E as que arrebataram ao arco-íris as mais belas tintas? Não se criaram no chão limoso das cavernas tantas outras? Odores esquisitos evoluem-se das sílabas de algumas; algumas são cerradas, enxutas, solteironas. Quantas são feitas de aurora e mel, em oposição a est'outras - negras, espessas, duras, de granito. Amoráveis palavras que têm o polimento dos seixos; e facetadas, espelhantes - cristais partindo-se ou risadas felizes - plásticas e móveis palavras, flamas batidas pelo vento - ardentes e inquietas. As que dizem demais e as que não dizem nada; as companheiras da solidão, dos altos pensamentos, das confissões patéticas. E as que gritam, que rugem, e precipitam no céu ou levam ao abismo!

AQUELAS ROSAS

A ADOLESCÊNCIA me dava ao perfil magro o cabelo caído na testa, as espinhas no rosto e o mistério dos pelos. Eu era todo ávidas pupilas, narinas escancaradas, epiderme e papilas, e os outros sentidos - o sexto - também os que estão por definir: dezessete anos, um animal cheio de instintos, largado e absurdo, um dono da vida.

E bem, aquelas rosas de praça pública - muitas, e orvalhadas, cor de sangue e ocaso - estremeceram ao me ver. Ignoro se de contentes, se de intimidadas, mas sorriram, sorriram que eu vi, e longamente. Quedei-me a flertar com estas donzelas imprudentes, como eram belas!

Não houve nada entre nós. Mas vieram comigo para a capital, e largo tempo forma e colorido seus me acompanharam. Por vezes viajavam para longe, sem um adeus. Eu as esquecia. De supetão, ao dobrar de uma esquina, em horas mortas, lá se entregavam como putas discretas. Ou, em sonho, desabrochavam em confidências a que na vigília se negavam. Certa noite, reclinadas em seu peito, suspiraram sem palavras.

Identificadas comigo, eram por fim um pouco de mim mesmo.

Um dia, tomando-as em buquê, oferei-as à amada - ah, que as afastou num gesto, porque preferia os crisântemos, os louros crisântemos!

O BOSQUE ILUMINADO

- "OLHA, a ação é um fardo, guardam-se aqui os raros momentos de plenitude. Deixa a vã refrega - e vem!"

Porque sem palavras, mas fundo penetrava o chamado. Capta a alma a cifrada mensagem, e pernas e braços, todo o ser apenas obedece. Obedece maravilhado.

Troncos esguios, troncos retorcidos, troncos escuros - livres. Umbelas ainda mais livres. O Sol tamisa raios oblíquos pela cortina dos ramos. Manchas de claro-escuro sob o tapete de folhas maduras. Que a chuva e os outros elementos, num labor obscuro, transmudarão em húmus para alegria criadora da terra. Ser húmus negro para ser novo rebento, caule, folha verde, flor, fruto!

Vozes de pássaros - seus nomes, onde? - zinzir de cigarras, voo de insetos e a queda sem ruído da água no córrego.

Um cogumelo abre o silencioso chapéu-de-sol entre raízes, sonhando em segredo, sonhando ser árvore, um dia!

Na verdade aqui se pode sonhar, e sonhar. Ó paz, ó quietude, ó transitório momento de eternidade!

MENINO

NAS farmácias havia grandes bolas de vidro: verdes, vermelhas, amarelas. Todas as farmácias deviam ter bolas assim? Um dia soube que não eram de vidro maciço. Tinham água. Só para enfeitar. E as bolas coloridas despojaram-se de mistério, esqueceu-as.

Imenso era o mundo. Girando, girando. Nós vivíamos na casca. Não caíamos porque em relação, éramos formigas. Um problema: mas as montanhas, por que não tombavam as gigantescas montanhas?

O mundo era imenso, mas o Brasil era maior que a Europa e dentro dele cabiam todos os países da Europa, exceto a Rússia. A Rússia. Como seriam lá as pessoas? Certamente não tinham caras iguais às da gente, vulgares criaturas, e falariam de um modo incompreensível. Fechando os olhos, não muito... Assim era a Rússia.

Havia uma porção de coisas que a gente via, e silenciava. Acontecia o mesmo com os outros? Quando um raio de Sol varava a fresta da veneziana um risco de poeira dançava e dançava. Não poder andar num raio de Sol!

Também soavam nos ouvidos umas cantigas que teimavam na cabeça e vinham aos lábios sem querer:

*Bem-vindas, bem-vindas,
gentis violetas!
Azuis borboletas,
do verde matiz.*

Delicioso cantarolar isso sem mover os lábios. Para ninguém de ninguém saber. Entre a gente e a gente. Só. Só não, havia *alguém* que via e ouvia tudo, até adivinhava os pensamentos antes de ser pensados: Deus. Mas Deus não valia, porque era o mais poderoso dos seres, o pai de todos, e nos havia criado do nada.

O SILÊNCIO aninhava-se pelos cantos, silêncio perfumado de incenso e magnólias. A lâmpada votiva, suspensa, queimava a sua ardente devoção. Nós, encolhidos de frio, nos bancos frios, éramos uns vultos quietos na penumbra da capela.

Imprevisto e impetuoso. Um dardo.

Foi como um dardo que penetrou pela janela. Piando, piando, tal se fugira perseguido... Pardal? Andorinha? Coisa minúscula, mancha escura animada de movimento.

Bateu o frágil corpo no vitral gótico, subiu ao teto, desceu e de novo se foi chocar contra o mosaico iluminado, lá onde havia uma legenda em azul:

*Olhai as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam,
E o Pai celestial as alimenta.*

Esvoaçando, esvoaçando, tentou evadir-se para o espaço, para a liberdade, pela bandeira envidraçada da janela - e abateu-se ensanguentado no tapete.

Na capela do colégio. Nós, encolhidos de frio, nos bancos frios, éramos uns vultos quietos na penumbra, meditando graves pensamentos de eternidade.

Pardal? Andorinha? Deus meu, uma coisa sem importância!

P R A I A N A

C H U Á... chuá... chuá...

Ó ondas do mar infatigável!

É bela a praia deserta, na clara manhã, atrás do Forte abandonado.

Vem na asa do vento a música dos seixos...

Lá no extremo da praia... Pássaro? De onde nasceu? Cavalo em disparada? Das ondas talvez.

E vem na asa do vento a música dos seixos...

Adolescente. Saia de cor das algas, a grácil figura avança, a adolescente cresce. Mas o estranho objeto?

Vem na asa do vento a música dos seixos...

Agora a burguesinha feliz passa arfando, rubra, cabelos de medusa, com o seu violino fantástico.

"Cansada, hein!"

"Demais."

Vem na asa do vento a música dos seixos...

C O L E G I A L

NAQUELES dias uma paixão impossível me transformara em passeante solitário. Deixando a cidade dos homens, à qual nada me prendia - ou apenas o infortúnio - eu me afastava para o campo.

Temor de não ser compreendido? Pudor juvenil de revelar um sentimento terno? Nem *ela*, nem a *adorada*, soube jamais do amor que inspirava!

O Sol me surpreendia na caminhada. Ó vigor adolescente! Ia deixando as últimas habitações, os esparsos casebres de chacareiros, sitiante paupérrimos, e me embrenhava no mato.

Absorto (flores-ocultas-por-ai-este-perfume...), alheio a duendes e gnomos, eu prosseguia (este-é-de-folhas-secas-úmidas-pisadas...) até alcançar um lugar propício: uma clareira, uma fonte, uma pedra.

Ali, debruçado sobre a minha mágoa, porém sem nela pensar diretamente, dava suspiros que espantaria os pássaros mas ninguém escutava, e me esquecia, feliz como um apaixonado desgraçado!

Levava sempre um livro: não o abria. Que me podia dizer outro poeta? Sim, outro poeta, pois eu o era também - um poeta de poemas tão belos quanto os mais belos, que apenas não se escreviam..

P I N T U R A

VERDE, vermelho, amarelo, branco, e vária forma - belo como uma caixa de retroses ou o encontro gratuito de palavras poéticas. Basta deter um instante o olhar para surpreender ali aquele arranjo feliz que nem sempre o pintor alcança para a composição.

Da praça barulhenta da manhã de domingo para a intimidade doméstica da copa, pela mão da moça - e o quadro *aconteceu* sobre o xadrez da toalha.

Natureza morta. Por quê? Não. Natureza viva.

Tranquilo, cada elemento se individualiza no grupo, e está dizendo contente: eu existo. Ó poesia das coisas simplíssimas, pura poesia, que nem sempre estamos tão aptos para receber!

Horizontalmente, aconchegados nas curvas do pé de alface, dois peixes vermelhos ruminam algas - lá - lá onde há pouco as ondas baloiçavam... Pele de pluma de canário, as douradas bananas aguardam com humildade, em leque, o próximo acontecimento: talvez a mão do menino que as despetalará em flor. É certo que rolou por rolar a ferruginosa laranja. Como ri, inocente, à beira do abismo! Do abismo da mesa onde se entorna - nata que não acaba de entornar - a braçada de copos-de-leite. O fio de aranha de uma livre melodia mantém o milagre das formas e das cores, em eclipse.

A moldura da janela - que o vento escancarou violento - descortina um retalho de céu. Longe, no ar azulado, foge uma mancha - pomba? nuvem? ou anjo tocando violoncelo?

C A S T E L O S

GAROTO, eu amava me deitar ao comprido no patamar da escada.

Era às tardes que eu gostava de ingerir aquele ópio tão necessário à minha vida como qualquer vício: sonhar acordado.

Em que pensava, a cabeça apoiada nas mãos, a acompanhar no céu altíssimo uma forma efêmera, o homem do aloquete, um peixe?

Inocentes, os meus castelos.

Um deles, e que eu retomava cada dia para acrescentar ou tirar elementos à barroca arquitetura, era em torno de certa água-furtada desenhada na capa de um livro escolar. Aquela janela, abrindo sobre o telhado, ponto de partida mesquinho, como me evadia em loucas cavalgadas - feliz, sete vezes mais feliz do que o rei do Hindustão!

Morar ali - lembra-te, filha do comandante? - que felicidade! Um dia, um dia, eu e tu, nos trancaríamos lá, ó linda! E contigo eu praticaria grandes safadezas que ninguém saberia. Tu havias de consentir, porque eu te amava e tu me amarias. à noite, terríveis coisas aconteceriam. Eu te salvava de todos os perigos! Meu valoroso revolver, estão eles aí, os inimigos. "Recuai, covardes!" Ah, ah, ah... Lá fogem em debandada: *pum! pum! pum!*

E eu acordava do desmaio nos teus braços.

XVIII

D O A M O R

ERA a véspera das núpcias da mais moça. As jovens irmãs falavam e riam na sala em reboço, enquanto as mãos retalhavam o linho que iria alvejar no leito conjugal.

Num momento, alguém entrou e abriu a janela. A luz da lua, languidamente pálida, envolveu num halo rostos e retalhos.

Houve um repentino silêncio, flor que tomba, e as três mulheres se entreolharam.

Depois, à meia voz, a primeira disse:

"Eu o amo porque ele é sábio. Ele possui o conhecimento de todas as coisas. Como é doce ouvir as palavras de seus lábios!"

"Eu o amo - disse a outra - porque ele é delicado e bom e me ama, oh, como me ama o meu amado!"

Disse por último a virgem noiva:

"Eu o amo e o amarei sempre, perdidamente, porque em seus braços fortes eu sou uma escrava submissa de seus beijos".

J A N E L A S

NAS douradas manhãs - e também às tardes - você gosta de vir se debruçar à janela.

Roçam os gerânios a colorida pelúcia das pétalas em seu rosto, e você se deixa, face na mão, olhando. (Ó indiscretos, impudentes gerânios, que procurais assuntar tão perto dos lábios dela?)

Janelas! Que é uma janela? Promessa de liberdade, infinita oferta de azul: a partida sem ir melhor do que se fora.

Janelas! Que é uma janela? Abrir de perspectivas na hora em que nos olhos chove cinza e anoitece.

Janelas! Um estar de olhos postos nas coisas sem as ver; a dispersão dos motivos; o romanesco devaneio; e mais a evocação, e também o suspiro em segredo; a saudosa palavra levada ou trazida pelo vento - isso é a janela.

Por isso eu compreendo o seu gosto, longamente o compreendo, quando nas douradas manhãs ou às tardes, você vem menina-e-moça, se debruçar face na mão entre gerânios, olhando, à janela.

XX

ELIZABETH

UM pintor amava a sua arte com todas as forças.

Pintar era nele uma vocação.

Cada dia, ao acordar o Sol, aquele moço distribuía as cores na palheta, tomava uma tela e saía para o ar livre em demanda dos campos ondulados, dos verdes vales, das sebes floridas à margem do rio.

E era comum vê-lo recolher tarde, quando a sombra velava já os seus motivos para revelar a primeira estrela.

Voltava sempre ensimesmado, de cabeça baixa.

Certa manhã, cruzando no caminho com a irmã de seu amigo, a bela e estouvada Elizabeth, esta lhe disse:

"Por que você não sorri nunca?"

Nesse dia o pintor compreendeu: "Sou um doente. Já não sinto a beleza, apenas sofro a tortura de interpretá-la. Que importa uma arte que não é vida?"

E alijou à água os seus pincéis, vindo para junto de Elizabeth, a bela e estouvada irmã de seu amigo.

O S E I X O

EU ia, no estio, pelo leito seco do riacho. De repente, na areia, vi um seixo.

Era perfeito, recolhi-o.

Que me queres dizer, pequeno seixo redondo?

Fôste áspero calhau, todo arestas e dureza, ao despreender-se da pedreira bruta. Liberto, as águas te trouxeram rolando pelo chão da vida. Algum tempo ficaste prisioneiro na noite de uma gruta; muito tempo te pisaram ao Sol na terra de uma estrada; novos dias vieram e te impeliram para a correnteza.

Aqui estás. Talvez nem interromperas aqui a tua viagem, se não te tomasse: certo não te julgas tão perfeito!

Te compreendo, pequeno seixo redondo, é preciso esperar, é preciso abençoar a dor que desgasta arestas e asperezas - e depois, depois aspirar à perfeição ainda!

XXII

A P O C A L I P S E

ROSAS despetalam-se no ar, num delírio de fogo, assassinando as suas irmãs nos jardins do mundo...

E vêm nítidos pássaros mecânicos atropelar de morte os donos do espaço.
Chove sangue sobre os continentes!

Peixes elétricos abandonam o seu elemento, expulsos pelas minas de profundidade.

Trincheiras de ódio até as nuvens.

Robots avançam, e avançam em avalanches sucessivas - matando (ei-los! ei-los!) as fontes e os frutos da terra.

O último homem precipita-se gritando no deserto.

XXIII

E.

JUNTO da tua morada, quando reverbera o Sol mas há solidão, tenho vindo muitas vezes. Outras hei de vir, com flores compradas pouco antes no florista.

É que neste cofre avaro aqui estive quanto amei - aqui ainda não perdida te vim depor numa tarde já antiga sempre perto. Como nas elegias, estou em que seria bonito rezar a Deus ou até blasfemá-lo, chorar duas lágrimas, etc.

Pobre do teu irmão. Agora e todas as vezes sinto-me lúcido. Não: não é bom a gente se sentir lúcido: patético, descabelado, caindo nos braços do amigo - mesmo em imaginação - consola muito mais.

Tu sabes porque. Ou talvez já não possas saber nada; chegam até aí em baixo os últimos telegramas de guerra e os suicídios de amor? Nem isso tem importância! Por ora parece que assim é, e eu acredito na ilusão de que te converso.

"Tudo bem?"

"Bem. E você?"

O resto em silêncio, como antigamente.

O INCONQUISTADO

QUANDO a Lua se arredondava enorme no céu é que dava de falar. Parece que a Lua o embebedava.

Não fazia gestos. Debruçava as melenas, da janela da mansarda e, ridículo e empiolhado, perorava para os astros:

"Eu sou o inconquistado. Não me revolto porque sou o dinamitador das pontes futuras. Nem contra a fome, eu sou de diamante. Eu mando no vento, nas flores, na água, os pássaros são meus, são minhas as nuvens , e eu delas! Tudo me pertence por direito natural!

Ninguém me conquistará, ouviram? Eu sou anterior ao primeiro legislador e eu zombo das suas tábuas. Não tenho pai, não tenho mãe, não tenho irmãos. Nem amada eu tenho. Que importa! Eu tenho o sonho. Fikai com o vosso ouro, estourai o ventre com ele, bufarinheiros! Eu tenho o sonho - e sou dono de todas as coisas, as presentes, as de ontem, as que hão de vir.

É por isso que eu tenho asas, e eu levito acima de arquipélagos e templos. É por isso que a Morte me teme - eu já morri antes de ela chegar e ressuscito na antevéspera!"

As máscaras lustrosas que se postavam em cada vão do edifício vizinho achavam-no um espetáculo muito divertido.

S U R D I N A

VÃO-SE, um após outro, os dias - e tu olhas, às vezes indiferente, às vezes inquieto.

Vão-se, um após outro, e nenhum gesto teu pode deter o perpétuo, o célere escoar dos dias breves.

(Espreita as outras faces e indagas. Mas as outras faces passam, distraídas ou absortas, e não te confidenciam o seu segredo - talvez porque não o tenham, talvez porque seja incomunicável).

Com os dias, é a tua vida mesma que se vai, a tua vida que caminha para o chão do esquecimento.

Então, exaltado pelo sentimento de tantas horas já perdidas, despertas numa alegria selvagem, e patético te dizes: "Vivamos, oh, vivamos esta hora!"

E vives essa hora.

Mas logo teu sôfrego coração, voluptuoso de mais, de algo mais - impossível - afunda no tédio das horas vazias, entre o desejo e o gozo.

E de novo te aquietas, devorado pelo surdo desespero, enquanto as águas fluem dentro e fora, num ritmo igual.

Só os olhos protestam - por que ainda protestam os olhos?

XXVI

EMAÚS

No mesmo dia dois deles caminhavam
para uma aldeia chamada Emaús.

Lucas, XXIV, 13

QUEM é esse que caminha silencioso, no mesmo andar lento e lento, dos dois viandantes?

É a hora da sombra. Recolhem-se as últimas aves num voo calmo que parece enorme na solidão, e nas pobres moradas do caminho acende-se o lume.

Quem é esse que caminha silencioso, impessentido, no mesmo passo lento e lento, dos dois viandantes?

As pedras são ásperas e vão os dois homens curvados, ao cansaço da caminhada não, mas ao jugo dos espantosos acontecimentos. Quantas vezes não fizeram aquele caminho! Mas então a distância era breve, porque abrasados traziam os corações. Como ter hoje alegria e sonhar se tudo acabou e os dias por vir serão inúteis?

"Ó néscios e tardos para a palavra que é lúcido amanhecer em vossas almas! Por que estais tristes, se *agora e sempre* o reino de Deus está dentro de vós mesmos?"

Assim falou o Desconhecido. Então eles, iluminados por dentro, reconheceram o Companheiro, o Amigo Sutil - aquele que parte conosco o pão do Amor na hora solitária.